

# Entre Elos Perdidos

Resenha | LEVISKY, David Léo. **Entre elos perdidos**. Rio de Janeiro: Imago, 2011. 380 páginas.

**Heloisa Gurgel Rosenfeld**

Candidata da Sociedade Brasileira de  
Psicanálise de São Paulo.

O livro “Entre elos perdidos” é o primeiro romance do já consagrado psicanalista e escritor David Leo Levisky. O romancista estreante já nos presenteou com diversos livros sobre o trabalho com adolescentes e, mais recentemente, com o estudo do texto autobiográfico do monge medievo Guibert de Nogent, no livro “Um monge no divã” (2006).

Interessante pensar essa mudança de escrita que David foi desenvolvendo dos textos e livros psicanalíticos para a biografia do monge medievo, que já continha aspectos do romance, mas cujo foco foi o aprofundamento psicanalítico do pensamento de um jovem que lida com os conflitos da adolescência dentro de suas circunstâncias históricas e opções religiosas.

“Entre elos perdidos” é um romance. Existe nele uma mudança no lugar do escritor. Roland Barthes, em “O Prazer do Texto” (1973), diz: “Simplesmente, chega um dia em que se sente uma urgência em desaparafusar um pouco a teoria, em deslocar o discurso”. Aqui, o conflito psicológico é de um personagem totalmente criado pelo autor.

Neste romance, David nos oferece participar do intrincado caminho que seu personagem central, Eliazar, proeminente professor universitário, percorre ao entrar em contato com o conflito humano das escolhas afetivas. Essa angústia básica é também a propulsora da criatividade, da busca de um conhecimento maior que o ajude a decifrar os caminhos a serem percorridos.

Eliazar, o personagem central, vive um conflito amoroso entre manter a família e o casamento ou a possibilidade de viver um amor “cheio de sonhos, desejos e descobertas”. Mas Eliazar é, antes de tudo, um homem que procura, que deseja, e por isso está insatisfeito. A crença de que um novo amor ameniza a angústia humana vai se ampliando ao perseguirmos, junto de Eliazar, seus caminhos.



Freud, em seu interessante texto “Escritores criativos e devaneio” (1907), escreve: “O romance psicológico, sem dúvida, deve sua singularidade à inclinação do escritor moderno de dividir seu ego, pela auto-observação, em muitos egos parciais, e em consequência personificar as correntes conflitantes de sua própria vida mental por vários heróis”. No romance de David, há um herói, porém, com várias facetas. Há o homem na crise de sua relação amorosa, há o homem mental, que tem um prazer peculiar pelo conhecimento intelectual, pelo aprofundamento do conhecimento de si através da cultura, e há, ainda, um homem que vai se formando no romance, que encontra um significado na sua história pessoal ligada à história da humanidade, das religiões, das intrínsecas transformações que o desenvolvimento das culturas foi criando. A beleza do romance está em acompanhar a ampliação da mente do personagem de Eliazar, que vai juntando dentro de si essas facetas, o que o leva a encontrar maiores significados para o viver.

David nos leva, pelos caminhos trilhados por seus personagens, a também ter o prazer de conhecer Maimônides, pensador judeu do século XII. Maimônides é o guia de seu herói, assim como um pai tranquilo e sábio, sempre com as páginas abertas e que, com o seu conhecimento e experiência de vida, tenta dar uma compreensão mais profunda aos conflitos que vão se apresentando ao personagem de Eliazar. Com isso, vamos entendendo que as suas escolhas não são tão casuais como parecem, mas, sim, que advêm de um desejo ou necessidade profunda de buscar seu passado, suas origens. Suas escolhas estão ligadas à necessidade de conexão de elos que foram perdidos ao longo do desenvolvimento da humanidade, mas que para ele, Eliazar, seriam essenciais para a sua reconexão, para a sua compreensão de si mesmo, o que, no romance, daria a chave para a sua escolha afetiva de vida.

Cito aqui Borges no “Curso de Literatura Inglesa” (2002): “Logo, como acontece com todo livro extenso, o autor acaba se identificando com o herói. É necessário que o faça, para lhe insuflar vida, para lhe dar vida”. David foi tendo um prazer próprio de ir vivendo junto de seu personagem-persona o seu conflito e o seu prazer – prazer de ter outra vida, de estudar as religiões, de aprender com Maimônides, enfim, de mudar a perspectiva da relação com a vida.

Pontalis, em seu livro “A força de atração” (1990) diz: “Talvez a paixão de escrever resulte às vezes da incapacidade de dizer e até de pensar. Talvez só se escreva a partir de uma afasia secreta, para superá-la, tanto quanto para manifestá-la”.

Finalizo com Italo Calvino em “Seis Propostas para o Próximo Milênio” (1988), que, à maneira de Eliazar, assim com a de David, vai procurar saídas criativas aos seus conflitos: “Cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço.

Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle”.

## Referências

- BARTHES, R. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 2010. Trad. J. Guinburg.
- BORGES, J. L. **Curso de Literatura Inglesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Trad. Eduardo Brandão.
- CALVINO, I. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Trad. Ivo Barroso.
- FREUD, S. (1907-1908). Escritores Criativos e Devaneio. In: \_\_\_\_\_. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IX. Trad. Jayme Salomão.
- PONTALIS, J. B. **A Força de Atração**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991. Trad. Lucy Magalhães.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

---

Heloisa Gurgel Rosenfeld  
Rua José Jannarelli, 199/65  
5615000 São Paulo – SP – Brasil  
e-mail: heloisagbotelho@hotmail.com